The image shows the front cover of a book. The cover is decorated with a traditional marbled paper pattern, featuring large, swirling, organic shapes in shades of red, orange, yellow, and black. The pattern is dense and intricate. In the center of the cover, there is a rectangular, cream-colored paper label with a thin black border. The text on the label is printed in a black, serif font and is centered. The book's spine is visible on the right side, showing a dark red or brown material. The overall appearance is that of an antique or vintage book.

*The Gift of  
The Associates of  
The John Carter Brown Library*



( 10 )

Se in the robes of glory  
Com' to meet us in the sky  
Virtues of our lives pursue, & lead us

E Vos Sabie R'igida, que os claudes  
Te V'os' P'os' que os claudes  
Que os claudes os claudes

Elles furent à l'œuvre, l'œuvre  
Que les jours que les jours  
Où les jours, en tous les jours

Et V'os' l'œuvre, l'œuvre  
Que les jours, en tous les jours  
Que vos claudes en tous les jours

Que les jours, en tous les jours  
Que les jours, en tous les jours  
Que les jours, en tous les jours

F I N

NA LAMENTAVEL MORTE  
DO  
SERENISSIMO SENHOR  
D. JOSÉ,  
PRINCIPE DO BRAZIL.  
JOZINO  
EGLOGA DEPLORATORIA  
POR  
ANTONIO JOAQUIM DE CARVALHO.



LISBOA,  
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.  
ANNO M. DCC. LXXXVIII.

---

*Com licença da Real Meza da Comissão Geral sobre o Exame,  
e Censura dos Livros.*

84

THE HISTORY OF THE  
ROYAL SOCIETY OF LONDON  
BY JOHN WALL  
PART II OF THE SECOND  
VOLUME  
LONDON: PRINTED BY  
JOHN WALL, ST. MARTIN'S LANE.



MS. A. 10. 1. 10

LONDON: PRINTED BY  
JOHN WALL, ST. MARTIN'S LANE.  
1705.

# JOZINO.

43

## EGLOGA.

*PORTELIO.*

*ARLINO.*

---

---

*PORTELIO.*

**Q**UE tristes vozes ouço além da ponte,  
A quem por compaixão responde o monte!

Ouçõ a voz, alço a vista, e ninguem vejo!  
Por entre aquelles chopos junto ao Téjo

Vem hum Pastor tão triste, e vagaroso,  
Como quem pensa em caso lastimoso.

Parece Arlino: he, sim, conheço agora:  
Lá ergue as mãos ao Ceo: lá pára, e chóra.

Oh Ceos! que será isto! Eu vou buscallo:  
Se algum trabalho tem, quero adoçallo.

*ARLINO.*

Oh setta! Oh dor! Oh morte rigorosa!  
Tira-me a vida já, serás piedosa.

\* ii

*POR-*

( 4 )

*PORTELIO.*

Ah! que escuto! Elle pede ao Ceo a morte!  
Ou louco está, ou tem paixão mui forte.  
Elle para cá vem pelo trilhado:  
O passo apressarei, salto o valado.

*ARLINO.*

Oh Ceo Piedoso! Oh Santa Providencia!  
Ou valei-me, ou matai-me por clemencia.

*PORTELIO.*

Que he isto, Arlino? De te ver m'espanto!  
Tu suffocado em amargoso pranto,  
Chamando a dura morte! Oh que delirio!  
Conta-me a causa deffê teu martyrio.  
Tu tremes! Tu soluças! Não respondes!  
Mostras-me o fruto, e a raiz escondes!  
Fugio-te alguma vaca, algum cordeiro?  
Ou fez-te estrago o lobo carniceiro?  
Dize o que foi por prova de amizade:  
Sim, que tens? Dize, dize por piedade.

*ARLINO.*

Se eu me víra nas mãos de hum lobo irado,  
Não poderia ser mais desgraçado.

*POR-*



*PORTELIO.*

Que aguda setta o coração te passa,  
Que não menos me fere? Oh que desgraça!

*ARLINO.*

Perdemos .... justos Ceos! Nem fallar posso!  
Perdemos de huma vez todo o bem nosso.  
Ah! que até se me esconde a luz do dia!  
A lingua se me sécca, o sangue esfria!

*PORTELIO.*

Perdemos todo o bem! Acaba, amigo;  
Assim clemente seja o Ceo contigo.

*ARLINO.*

Morreo.. mas ah! que eu sinto.. (oh q̄ tormento!)  
A falla preza, suffocado o alento.  
Morreo... antes morrêra o triste Arlino:  
Morreo nosso bom Pai; morreo Jozino.

*PORTELIO.*

Morreo Jozino, a gloria dos humanos;  
O melhor dos Pastores Lusitanos!

ARLINO.

O nosso Maioral, o nosso Amigo,  
O nosso amante Pai, o nosso abrigo,  
Tudo acabou n'um dia: Oh triste dia!  
Tudo a morte levou: Oh morte impia!

PORTELIO.

Desgraçados de nós! Ah! que faremos  
Os filhos orfãos, que o bom Pai perdemos!  
Andaremos, qual misero innocente  
Perdido, só, chorando, e sem ver gente.  
Andaremos vagando pelos montes,  
Soffrendo a sede, sem chegar ás fontes.  
Deixaremos rebanhos sem verdura:  
Vinhas sem póda, terras sem cultura:  
Veremos vir o lobo sanguinoso  
Matar-nos o novillo mais formoso.  
Que o gado fuja, ou morra pouco importa:  
Seremos vivos, como gente morta.

Recorda, Arlino, ha vinte e sete Agoftos,  
Que dia o Ceo nos deo de immensos goftos;  
O feliz dia, dia sem segundo,  
Em que o Ceo nos mandou Jozino ao mundo;  
O dia tão preciso, o santo dia  
Bem capaz de matar-nos de alegria.  
Quem antes não gozára prazer tanto  
Para agora o pagar com mágoa, e pranto!

Ver

Ver Jozino, e perdello, melhor fora  
 Nunca lograllo, que perdello agora.  
 Oh forte falsa, deshumana forte,  
 Que nos mostraste a vida, e deste a morte!

*ARLINO.*

Ah Portelio! Roubou-nos o Destino  
 Metade d'alma com o bom Jozino;  
 Porque o vio bom, porque nos vio malignos,  
 Elle digno do Ceo, nós delle indignos.  
 Com razão chorar deve a Lusa gente  
 Hum Maioral, que foi do Ceo presente;  
 Hum Pastor, que era todo o seu empenho  
 Estudar em reger bem seu rebanho:  
 Vendo as acções christãs dos seus Maiores,  
 Lendó exemplos de antigos bons Pastores:  
 De huns, e de outros bebendo a larga Historia  
 Para algum dia fer da Lizia a gloria.  
 Oh gloria nossa em lagrimas tornada!  
 Doce esperança em cinzas sepultada!  
 Este sabio Pastor, este prudente  
 Distinguia, abraçava a sabia gente:  
 Se estima hum ignorante, outro ignorante,  
 O Sabio estima o que he seu semelhante.  
 Este grande Pastor incomparavel,  
 Quanto se fez de todo o povo amavel!  
 Naquelle peito, centro de piedade,  
 Não pôde entrar o vicio: a caridade

Nelle brilhava, dando luz tão pura,  
 Qual accezo farol em noite escura.  
 Pobres Barqueiros, pobres Lavradores,  
 Tristes Zagalos, miseros Pastores  
 Corrião desta Aldea, e lá do monte  
 A Jozino, qual cervo corre á fonte:  
 Quantos chegavão áquelle Homem raro,  
 Todos achavão terno Pai, e amparo.  
 Os Póvos fallão, clamão todos juntos,  
 Que nem a hum só fez mal, mas bem a muitos:  
 Por isso ha de o seu Nome ser beijado  
 Nos altos cedros, onde está gravado;  
 E aquelles troncos, com geral espanto,  
 Serão regados de incessante pranto.

Ah Portelio! Se visses a Cidade,  
 Como eu vi: com que dor, com que faudade  
 Eu via o velho, o moço, o humilde, o nobre,  
 A viuva, a donzella, o rico, o pobre,  
 Hum triste, outro pasmado, outro chorando,  
 Outro cruzando as mãos, ao Ceo clamando!  
 Todos de negro luto se vestião,  
 Todos de angustia os corações cubrião:  
 Em termos deervallos a agonia  
 A acompanhar Jozino á terra fria.

Outra scena. Que objecto lastimoso  
 Eu vi na margem desse Téjo ondoso!

Os Pescadores, que gemer me ouvirão,  
 Ao som dos meus gemidos me acudirão;  
 Correndo atrás dos tristes Pescadores  
 Ternas Serranas, pálidos Pastores;  
 E alguns, que ao longe o alvoroço vião,  
 Vendo os outros correr, também corrião.  
 Logo em torno de mim todos se ajuntão;  
 Todos a causa do meu mal perguntão.  
 Eu lhes respondo com razões truncadas;  
 Razões entre soluços suffocadas:  
 Morreo... Oh Santo Ceo! Dai-me conforto!  
 O Pai da Pátria, o bom Jozino he morto.  
 Então... que triste objecto de ternura!  
 A feia, tormentosa noite escura,  
 De medonhos trovões, coriscos, raios,  
 Não gera mais terror, pranto, e desmaios.  
 Tornão-se os rostos em correntes fontes:  
 Soltão-se afflictos ais: ferem-se os montes:  
 Ao pranto, aos ais abala-se o rochedo,  
 Fica o Téjo a tremer de susto, e medo.  
 Huma chora, outra grita, outra esmorece:  
 Esta delira, aquella desfalece:  
 Huma a morte cruel chama, e desmaia:  
 Traslada o pranto na arenosa praia.  
 Outra os cabellos sobre o rosto lança,  
 Outra córta as prizões de amor na trança:  
 Dizendo ao defengano, e á saudade:  
 Morrão prizões de amor, morra a vaidade.

A Mãi, que ao peito o filho alimentava,  
 C' o pranto que vertia o suffocava;  
 E os maiores, que as tristes Mãis cercavão,  
 Vendo chorar as Mãis, tambem choravão.

Hum, que a rede com peixe então colhia,  
 Pasma, e das mãos a rede lhe cahia.

Outro o Batel prendia, e de repente  
 D' elle se esquece, leva-lho a corrente;

Exclamando, depois de hum pouco mudo:  
 Perdi Jozino, perder quero tudo.

Hum quebra as cordas da suave lira:

Outro c' o a fina flauta ao Téjo atira:

Dizendo a soluçar: Vão, vão-se os gostos,  
 Basta que fiquem os mortaes desgostos.

Outro clama: Não mais louros florecção:  
 Os louros sequeem, os cyprestes cresção;

E esses campos, que davão flores bellas,  
 Para tecer grinaldas, e capellas,

Regados com as fontes dos meus olhos,  
 Em vez de flores, só nos dem abrolhos.

Em fim, tudo clamores, e alaridos:  
 Além agudos ais, ternos gemidos,

Taes que magoado o placido ribeiro,  
 Que vai lavando os pés daquelle oiteiro,

Por não ouvir as vozes d'agonia,  
 Mais apressado para o mar fugia.

( II )

Os tenros gados, que no valle andavão,  
Vendo os donos chorar, tristes pasmavão.

Até as tenras aves, que nos vião,  
Humas piavão, outras se escondião.

Nem já se ouvem senão pelas ribeiras  
Nocturnas aves, aves agourciras.

Tudo mudou de natureza agora:  
Negro parece o Ceo, pállida a Aurora.

*PORTELIO.*

Se na Cidade, e campo, meu Arlino,  
He tão chorada a morte de Jozino,

Quaes serião as lagrimas ardentes  
Da terna Mãe, do Irmão, dos bons Parentes!

E qual feria a dor; a nova morte  
D'amante Esposa sem tão bom Conforte!

Aquella solitaria Esposa, e Tia,  
Que logo que elle vio a luz do dia,

Nas faces o beijou, e nos seus braços  
Apertando-o, teceo de amor os laços;

Os laços, que ao depois mais se apertarão;  
E hoje nas mãos da morte se quebrarão!

*ARLINO.*

Ah! Nem recordar posso a triste mágoa,  
Sem que se arrazem os meus olhos de agua!

Pa-

Parece que estou vendo os dous Esposos,  
Ambos afflictos, ambos lacrimosos:

Hum morrendo nas mãos da enfermidade;  
Outro morrendo aos golpes da faudade.

Jozino geme: já Marilia acode:  
Elle a quer consolar, fallar não póde:

Levanta os mortaes olhos já turbados  
Para os da Esposa em lagrimas banhados:

Convulso a mão lhe aperta: então suspira:  
Dá-lhe o ultimo a Deos, ella delira:

Ella lhe beija a mão: em pranto a lava:  
Ah meu querido Esposo! Ella clamava:

Se he possível trocar comvosco a forte,  
Esta vida accetai: dai-me esta morte.

Ah! Não me respondeis? Oh Ceos! Deliro.  
Elle responde c'o final suspiro.

Affim vai aquella Alma venturosa  
Ao Ceo rogar o bem d'afflicta Esposa.

Então que dor! Que angustia! Que tormento!  
Que novo, desusado sentimento

Em Marilia se vio! Que estranha mágoa!  
Desfez seu coração em rios de agua!

Delirante, com vozes balbucientes,  
Diz: Dai-me o meu Esposo; ó Ceos clementes;

Ou me levai com elle, por piedade:  
He meu: quero séguillo á Eternidade.

A morte chama, em suas mãos se entrega:  
Já rouca de clamar, de chorar cega:



Ergue os olhos ao Ceo, as mãos cruzando;  
Convulsa cahe sobre o peito brando.

Talvez se os tigres, se os leões a vissem,  
Quaes manfas pombas, o seu mal sentissem.

Ah! Deixa que em Marilia mais não falle,  
Antes que a mágoa o coração m'estalle.

PORTELIO.

Ah Marilia! Pastora inconsolavel,  
A mais docil, mais pia, a mais amavel,  
A tua chaga he mais mórtal que a nôssa:  
Não ha no mundo quem curalla possa.

Nós se hum bom Pai, e bom Pastor perdemos,  
Outro bom Pai, e bom Pastor teremos:

Das Pombas nascem Pombos: os Cordeiros  
Nunca gerarão lobos carniceiros.

Mas tu perdes de todo o caro Esposo,  
Gentil, fabio, discreto, e tão piedoso:

Tu no sentir a todo o Povo espantas:  
Elle morre huma vez, tu morres tantas.

Mas onde está, Pastora, o bom juizo,  
De que o Ceo te dotou? Vê, que he preciso

Cumprir a Santa Lei; que ao Filho ordena,  
Que do Pai primitivo pague a pena.

Em fim, para adoçar-te só bastava,  
Que o Ceo Jozino para si criava;

Levou-o, porque he seu; e esta ventura  
He que póde adoçar essa amargura.

Na

( 14 )

Na sã conformidade ... mas que penso !  
 Como intento vencer-te , e não me venço !  
 Limpo-te o pranto , e nelle então me lavo !  
 Tiro-te a setta , e no meu peyto a cravo !  
 Ah Jozino ! Do amor que te devemos  
 Toma por paga o pranto que vertemos ;  
 E do Monte dourado onde subiste ,  
 Chama , Pastor , o teu rebanho triste .

*ARLINO.*

Nossas lagrimas , d' alma bem nascidas ,  
 Não fiquem pelos campos esparfidás :  
 Vamos banhár com ellas o jazigo  
 Do nosso amante Pai , do nosso abrigo .

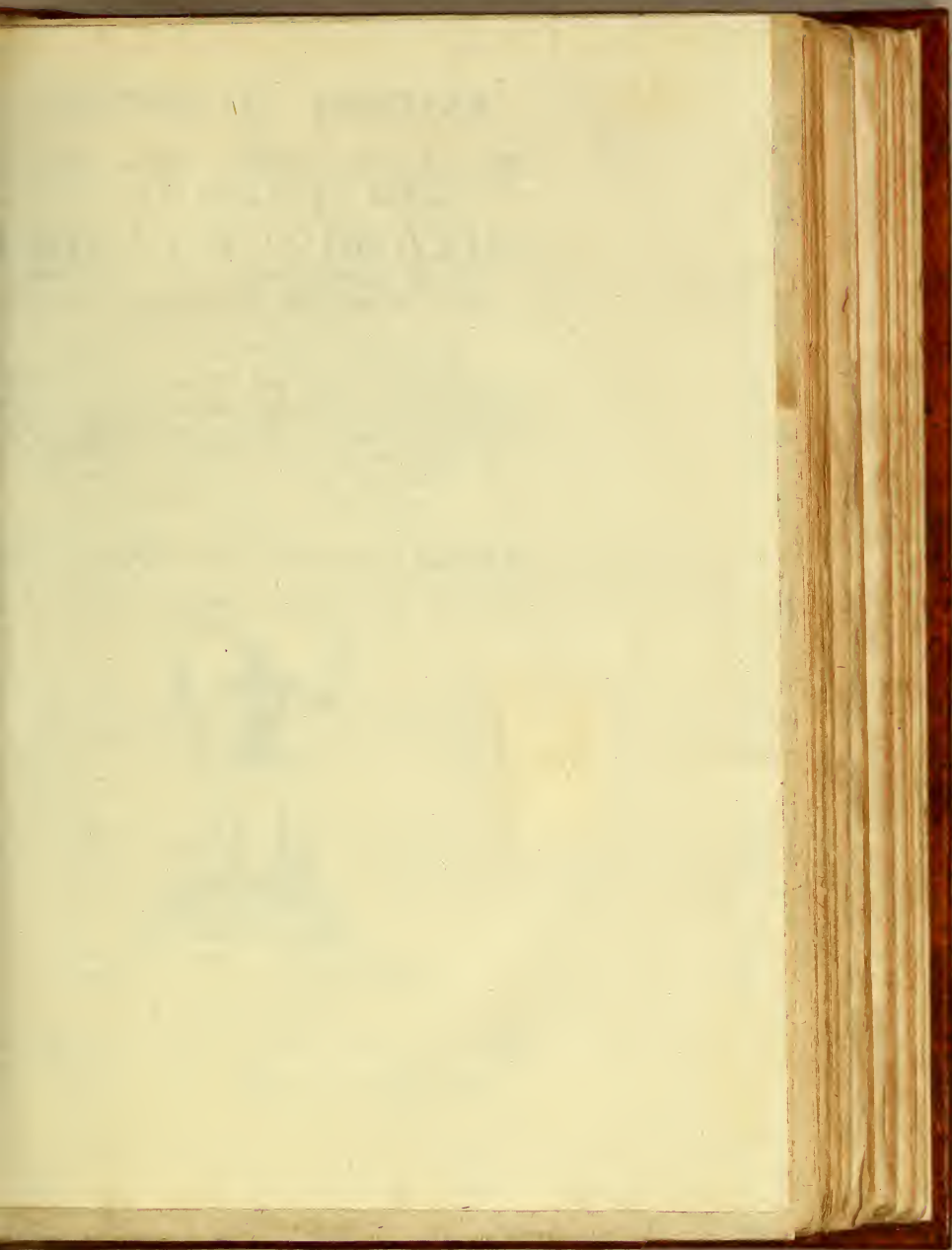
*PORTELIO.*

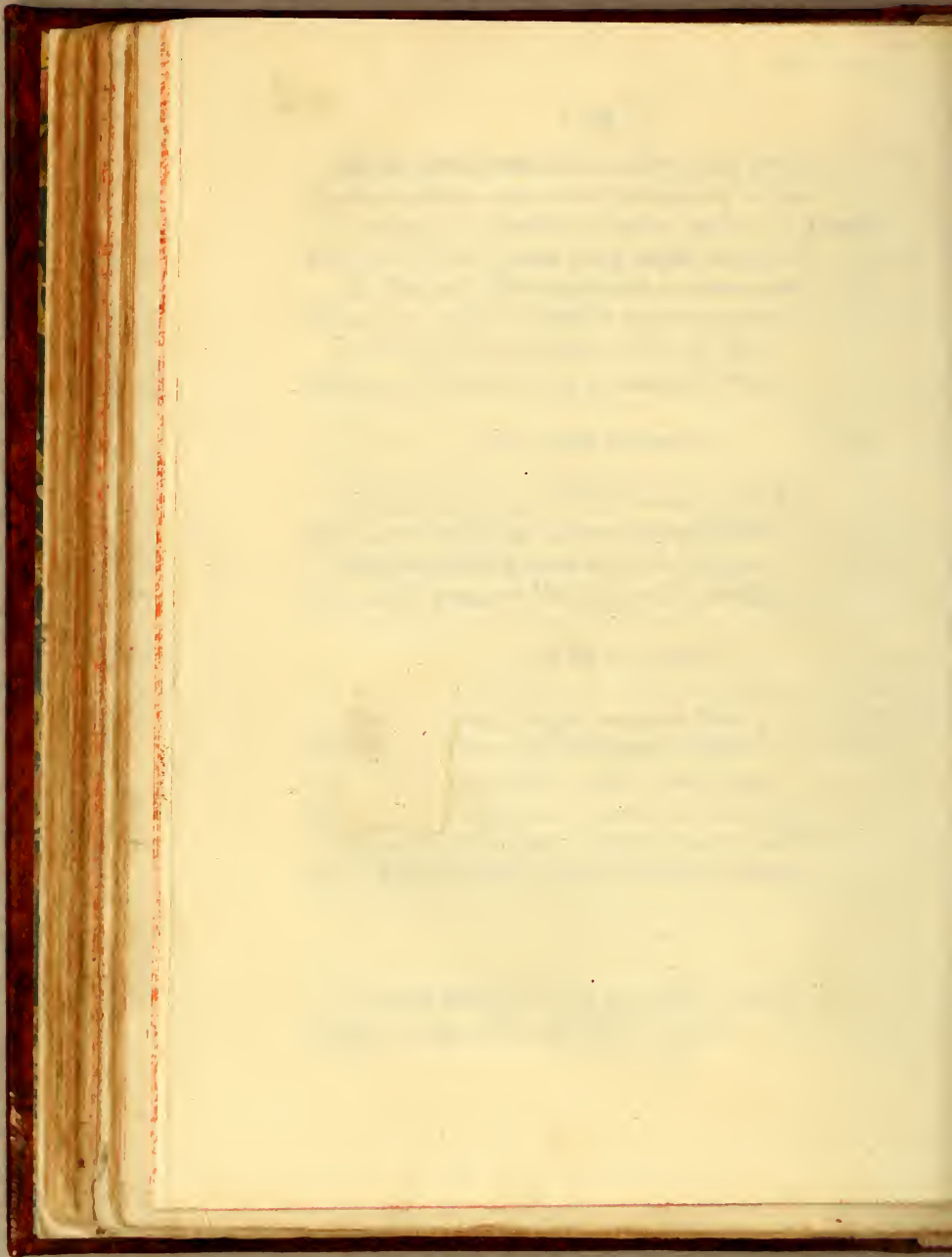
Sim , vamos abraçar o cofre triste ,  
 Onde o melhor dos Maioraes assiste .  
 Ah ! Quem pudéra ainda reverente  
 Beijar-lhe a fria mão , a mão clemente ,  
 Aquella mão , que sempre aberta estava  
 Para o pranto enxugar de quem chorava .

*ARLINO.*

Vamos vestir-nos de perpetuo luto :  
 Vamos pagar-lhe este final tributo .

F I M.





# GEMIDOS DA TRISTEZA

NA

## LAMENTAVEL PERDA DE S. A. R. O SENHOR D. JOSE' PRINCIPE DO BRAZIL,

FALECIDO EM 11 DE SETEMBRO DE 1788.

Com incomparavel mágoa do Reino de Portugal,

DEDICADOS

AO ILLUSTRISSIMO SENHOR

DIOGO IGNACIO DE PINA MANIQUE

*Alfandega da Casa de Sua Magestade, do seu Conselho,  
e seu Desembargador do Paço, Intendente Geral da  
Polícia da Corte e Reino, Administrador Geral da  
Alfandega Maior desta Cidade de Lisboa, e  
Feitor Mór das mais do Reino, &c.*

POR

JOSE' DANIEL RODRIGUES COSTA.

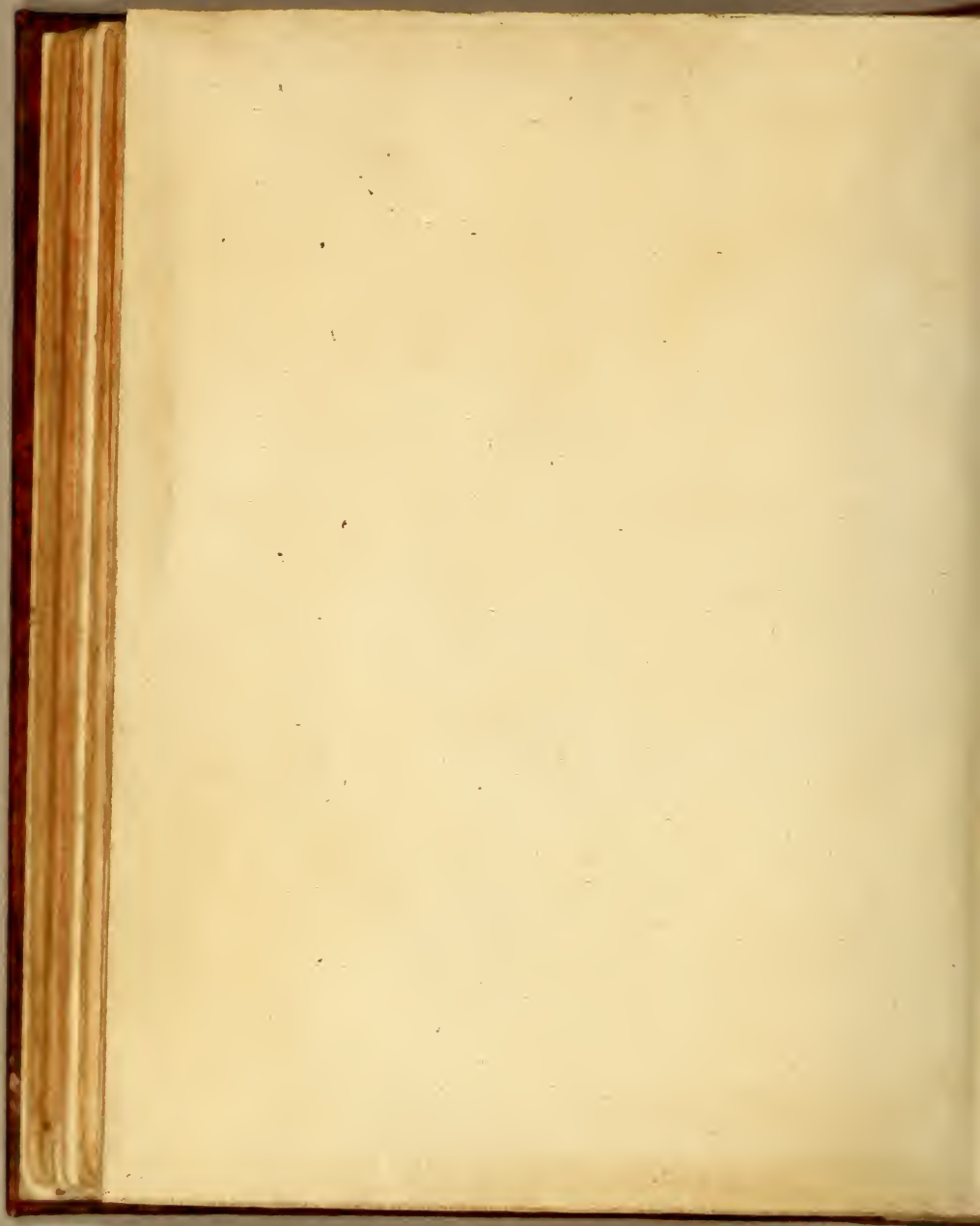


*Para teu desengano o mais profundo  
Repara em mim que sou Mappa do Mundo.*

LISBOA:

na Oficina de Simão Thaddeo Ferreira. 1788.

Com Licença da Real Meza da Comissão Geral  
sobre o Exame e Censura dos livros.



C788  
S255d

